

EP 2: LEI DE COTAS AVALIAÇÃO DE UMA DÉCADA

(SOBE SOM INSTRUMENTAL)

SONORA: NELI GOMES - [SONORA: NELI GOMES.mp3](#)

35'01" Cada vez que eu escrevo um livro, meu filho vai lá e leva na biblioteca da escola dele. Então, sem me falar, porque para ele é um prestígio ter a mãe com o nome, o nome o nome da mãe escrito no livro, né? E depois é ver a mãe falando e dando aula. Então isso é movimentar. É uma geração, a geração que a gente tá formando. Ela não vai olhar para baixo, ela vai olhar no olho.

ALESSANDRA: Essa é a professora Neli Gomes, do Paraná. A história pessoal que ela compartilha com a gente é também a história de tantas outras mulheres negras Brasil afora.

SONORA: NELI GOMES - [SONORA: NELI GOMES.mp3](#)

35'54" Eu vejo que hoje eu consigo, por exemplo, trazer renda para minha casa com a escrita. Então, a primeira vez na trajetória da minha família, que não é o trabalho doméstico, apenas, é o trabalho intelectual. (embarga a voz emocionada) Então, quando você, mulher preta, produz, e aí outras mulheres pretas já falaram isso, a gente movimenta. Tudo sai do lugar.(+) 35'14 - Estamos aqui e não vamos arredar o pé. Estamos aqui e é daqui pra frente. Não tem como perder nenhum direito.

ALESSANDRA: Difícil não se emocionar...

ROSANA: E nem devemos tentar.// A emoção nos ajuda a compreender o quão profundo é o impacto na sociedade das ações afirmativas.// E entender essa dimensão é nosso desafio neste podcast.//

ALESSANDRA: Verdade.// Então, vamos lá, com um convite a quem está nos ouvindo.// Se você também se interessa pelo tema e quer conhecer uma avaliação importante da Lei 12.711, de 2012, a chamada Lei de Cotas, fique com a gente porque temos muita história pra contar e dados importantes que a ajudam a entender o quanto ela já transformou as universidades federais brasileiras.

SOBE SOM VINHETA – “CAMINHOS AFIRMATIVOS. UM PODCAST DO LEPES: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Faculdade de Educação da UFRJ.

EPISÓDIO 2: LEI DE COTAS: AVALIAÇÃO DE UMA DÉCADA

ROSANA: Se você está chegando agora aqui nos Caminhos Afirmativos, saiba que este é o segundo episódio da nossa série sobre os 10 anos da Lei de Cotas.// No primeiro episódio nós tratamos da longa, difícil mas vitoriosa história de mobilização do movimento negro para aprovação da Lei 12711, que instituiu as cotas nas universidades federais brasileiras // Se você perdeu o episódio, eu te convido a conferir no link que está na descrição deste episódio//

Eu sou a Rosana Heringer, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, e há 30 anos atuando como ativista a favor das ações afirmativas. Sou coordenadora do LE PES, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Faculdade de Educação da UFRJ.// E tenho a felicidade de compartilhar a apresentação deste podcast com minha companheira Alessandra.

ALESSANDRA: Um prazer, Rosana.// Também me apresentando, sou Alessandra Pio, professora preta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a UFRRJ e também pesquisadora do LE PES.// Nós vamos hoje tratar de uma pesquisa desenvolvida pelo laboratório, com apoio da Ação Educativa, que realizou uma avaliação dos 10 anos da implantação da política de cotas raciais nas universidades federais.// A Lei 12.711 foi promulgada em 2012 e o trabalho de pesquisa foi desenvolvido em 2021 e 2022.

ROSANA: Pois é, em plena pandemia de Covid-19, o LE PES encarou o desafio.// Organizamos um grupo de pesquisadoras e pesquisadores de seis universidades federais.// Eram cerca de 30 pessoas envolvidas representando a UFRJ e mais uma universidade de cada região: UFPR, do Paraná; UFMG, de Minas Gerais; UFRB, do Recôncavo da Bahia; UFGD, da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul; e UFPA, do Pará.// Enquanto enfrentávamos a pandemia, mergulhávamos na pesquisa que durou 15 meses.

ALESSANDRA: Tudo virtualmente, não é, Rosana?// Esse grupo de pesquisa com conexão nacional só se encontrou fora das telas em julho de 2022, quando os resultados da pesquisa foram divulgados no seminário realizado na UFRJ.

SOBE SOM ABERTURA DO SEMINÁRIO

ROSANA: Foi um encontro incrível.// Primeiro, por podermos nos ver pessoalmente, afinal os reencontros pós-pandemia foram cheios de emoção.// Mas principalmente pelos resultados apresentados.// Tínhamos um diagnóstico rico da diversidade da realidade das instituições pesquisadas.//

SOBE SOM ABERTURA DO SEMINÁRIO

ALESSANDRA: A avaliação dos impactos da Lei 12.711 após uma década já estava prevista, mas não foi realizada pelo Ministério da Educação.// Essa década foi completada durante o governo de Jair Bolsonaro, presidente que atacava a política de cotas apelando muitas vezes para falas radicalizadas e preconceituosas.

SOBE SOM BOLSONARO PROGRAMA CQC: “Eu não entraria num avião pilotado por um cotista e nem aceitaria ser operado por um médico cotista”.

ALESSANDRA: Essa declaração foi dada na TV, no programa CQC, em 2011.// Durante o mandato de Jair Bolsonaro, outros ataques foram feitos por ele à política de cotas e de forma geral à população negra.// Sem a ação do Ministério da Educação, grupos de estudo assumiram essa missão de avaliar a

política de cotas.// No Lepes, a pesquisa foi feita em duas vertentes: a análise de dados quantitativos, que buscou identificar o impacto por exemplo nas matrículas e permanência nas universidades, e o estudo de caso, avaliando as federais que já citamos aqui.

ROSANA: Foi um trabalho intenso, que eu tive a felicidade de coordenar.// O grupo que levantou dados quantitativos atuou em duas frentes: levantamento bibliográfico - como livros, artigos científicos - e análise de informações já disponíveis sobre a população brasileira, como a base do IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.// Pra se ter uma ideia, nesse levantamento de estudos publicados a equipe da pesquisa, formada por cinco professores e professoras, localizou 500 artigos publicados.// Destes, apenas 10 ofereciam dados numéricos e eles foram importante para a análise, junto com o que havia sido produzido por grupos de pesquisa de instituições como o IESP, o Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ, e pela Flacso, a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

ALESSANDRA: O grupo chegou a 31 artigos e combinou as informações com os dados da PNAD, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, e ainda com o Censo da Educação Superior.// Um trabalho árduo, que identificou muitas lacunas porque nem sempre havia registros de informações por exemplo sobre renda familiar e raça.// Ainda assim, foi possível fazer um retrato da desigualdade no acesso ao ensino superior no país.

SONORA: PROF^a GABRIELA HONORATO - <https://drive.google.com/file/d/1TnzEHBOI0ZxvIwgVlibETMfyVlq0Fqfb/view?usp=sharing>

20'15 O que nós temos é que desde os nascidos na década de 50 no Brasil, há uma permanência, de uma razão de 3 para um. Existem 3 brasileiros brancos com ensino superior ou mais para cada negro, né? Então, a população brasileira com o ensino superior, que é branca, ela é 3 vezes maior do que a população negra. A despeito de a população negra no Brasil ser, representar, mais ou menos metade da população.

ROSANA - Essa é a professora Gabriela Honorato, minha colega na faculdade de educação da UFRJ e vice-coordenadora do Lepes.// A Gabriela coordenou o grupo de 5 pesquisadores que se dedicou à análise dos dados quantitativos.// Essa constatação da baixa presença negra nas universidades traduz em números o que podemos constatar no dia a dia.// E ressalta a importância de políticas específicas sobre o tema.

SONORA: PROF^a GABRIELA HONORATO - [SONORA: PROF^a GABRIELA HONORATO.mp3](#)

21'35" Um outro dado interessante é quando a gente trabalha com a taxa líquida de frequência, na graduação, né?(+) Então, nós analisamos dados desde 2011 em diante, né? (+) 23'35" Então é o que que a gente observou, também há uma tendência, né, de evolução, de aumento dessa taxa de frequência ao ensino superior desde 2011, que é um ano anterior à Lei de Cotas. Entretanto, o ritmo de crescimento dessa taxa é bem maior entre os

brancos do que entre pretos e pardos. E o que foi muito importante nessa análise que nós fizemos é de que faz diferença a gente dividir a população negra entre pretos e pardos, porque quando a gente divide a gente percebe que a população preta, ela ainda tem mais dificuldades, né. (+) Ela tem uma evolução mais lenta do que a dos pardos no Brasil, né? Então ficou muito claro pra gente que é importante a gente não tratar a população negra de uma forma geral, mas em alguns momentos, pra evidenciar certas informações é importante a gente separar os pretos e pardos.

ALESSANDRA – Garantir a frequência é mesmo um desafio.// E as dificuldades são maiores para a população negra.// Falo isso por vivência própria.// Tenho a pele retinta e sofri discriminação na universidade.// Lembro de um episódio da graduação que me marcou.// Eu tirei 9,8 numa prova e o professor afirmou que eu havia colado.// Não quis admitir que uma aluna negra pudesse ter esse desempenho.// Fui reprovada por esse professor.// Não desisti do curso, mas dá pra imaginar quanta gente deixou de frequentar a universidade por não conseguir enfrentar esse tipo de pressão.//

ROSANA: Com certeza, Alessandra.// Infelizmente, já ouvi muitos relatos de discriminação dos meus alunos e alunas.// Triste.// A professora Neli Gomes, que abriu nosso encontro de hoje, entrou em 2006 na Universidade Federal do Paraná, e conta como foi essa experiência.

SONORA: PROFª NELI GOMES - [SONORA: NELI GOMES.mp3](#)

A presença da dessa estética desse corpo negro na universidade causava um estranhamento, porque estamos falando do Sul do Brasil. Então esse corpo com melanina afeta o ambiente, né? A gente nem precisa falar nada e ele já é afetado pela nossa presença. (+) Na minha turma de graduação éramos mais ou menos uns 12 alunos cotistas, entre cotas raciais e sociais. Esse grupo, metade mulheres. Então, essas mulheres, nós conversávamos muito sobre essa relação com o próprio corpo, né? Então, de imediato, essas inquietações foram se tornando provocações. Então começamos a organizar oficinas de tranças dentro da universidade a partir do núcleo de estudos afro brasileiros da UFPR, isso em 2007. (+) E nesses ritos é, nós fomos formando grupos e coletivos, em especial de mulheres negras, notadamente mulheres pretas, né? Retintas num contexto de Paraná e isso foi só crescendo.

ALESSANDRA: Muito bacana e necessário esse processo de afirmação da identidade negra.// Até porque essa disputa não foi simples.// Em diversos pontos do país, quem sentiu seu privilégio ameaçado pelas cotas fez pressão contra as políticas afirmativas.

SOBE SOM: [Em GO, estudantes protestam contra a nova lei de cotas para as federais](#)

Repórter - “Vestidos de verde, com nariz de palhaço, rostos pintados e cartazes. Centenas de estudantes de escolas particulares se concentraram na frente da assembleia legislativa de Goiás para dizer não ao sistema de cotas.”

ROSANA: Essa manifestação foi em Goiás.// Na região Centro-Oeste, nossa pesquisa foi realizada na UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul.

SONORA: PROF^a. EUGÊNIA PORTELA, UFGD - [EUGÊNIA PORTELA ÁUDIO 1 -2025-01-23-11-39-07.m4a](#)

Áudio 1 00:00:01 - As cotas raciais foram implantadas na UFGD a partir da publicação da lei das cotas 12711 de 2012 atendendo a então a determinação legal. Antes da lei, teve com a implantação da UFGD, tiveram as cotas sociais por algum período, mas as cotas sociais, foi verificado as pesquisas que foram realizadas depois que, elas não garantiram a política afirmativa, o acesso de pretos e partes indígenas, como a potencialmente depois a lei das cotas conseguiu fazer. (+) áudio 2 - 1'58". “ O protagonismo para a implementação dessas políticas na universidade foi por meio da intelectualidade negra, os coletivos e é principalmente o núcleo de estudos afro brasileiros”.

ALESSANDRA - Essa é a professora Eugênia Portela, hoje docente da Federal do Mato Grosso do Sul, a UFMS.// Mas em 2021 ela coordenava o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFGD, o NEAB, e compartilhou com a gente o trabalhoso processo de pesquisa da avaliação da lei.

SONORA: EUGÊNIA PORTELA, UFGD PROTAGONISMO E DIFICULDADES - [EUGÊNIA PORTELA ÁUDIO 2 - PROTAGONISMO E DIFICULDADE D DADOS-2025-01-23-11-39-08.m4a](#)

43” Tivemos bastante dificuldades no início da coleta de dados da informação de pretos, pardos, indígenas. (+) No sentido de ter dados confiáveis. Então, por muito tempo, nós da pesquisa do mestrado, principalmente, o NEAB, é que fazíamos esse acompanhamento da política e apontávamos as falhas, principalmente para o cuidado com o dado, então, de 2012, o primeiro ano da lei, até uns 2015, nós tivemos bastante dificuldades no sentido de certeza do que aqueles dados que eram apresentados eram os dados reais. Então o que a gente verificou era o desconhecimento ou pouca atenção de toda a comunidade acadêmica para a implementação das políticas afirmativas.2'04”

ROSANA - Esse é um aspecto que a Eugênia traz é muito importante.// A pesquisa também ajudou a diagnosticar essa dificuldade e, ao mesmo tempo, a necessidade de haver mais cuidado com os dados nas instituições.// Ter informações precisas é fundamental para que as avaliações possam ser fieis à realidade e apontar caminhos.

ALESSANDRA: É, Rosana, a pesquisa tem importância pelos seus resultados, mas também pela mexida que provoca nas instituições.//

SONORA: RODRIGO EDNILSON, UFMG - [Rodrigo Ednilson, UFMG .m4a](#)

00:03:48 - Eu acho que o convite do LEPES pra realizar o levantamento das Ações afirmativas nesses últimos anos (+) na UFMG foi muito importante pra dar visibilidade internamente, mobilizar pessoas pra fazer essa avaliação, mas também participar de um levantamento nacional que também dá repercussão e validação nacional aos desafios enfrentados por aqui.

ALESSANDRA - E os desafios não foram poucos.// O professor Rodrigo Ednilson da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG, relembra um exemplo traumático e simbólico do preconceito e da resistência à Lei de Cotas enfrentados na UFMG.// E conta como ele impactou a implementação de ações afirmativas

(leitura de notícia: UOL [Trote com saudação nazista provoca acusações de racismo na UFMG - 18/03/2013 - UOL Educação](#))

Locução - Site UOL: Um trote realizado por alunos da Faculdade de Direito da UFMG na última sexta-feira levou a acusações de racismo e sexismo na internet depois que duas fotos da “brincadeira” passaram a circular nas redes sociais. Em uma delas, uma caloura aparece amarrada e pintada de preto enquanto um veterano a puxa por uma corrente. Ela carrega um cartaz em que é chamada de “Caloura Chica da Silva”, em referência à escrava que viveu em Minas Gerais no século 18.

SONORA: RODRIGO EDNILSON, UFMG - [Rodrigo Ednilson, UFMG .m4a](#)

2'10" - Esse caso repercutiu muito. Teve uma, digamos, uma mobilização do Ministério público e a partir de 2014, com a entrada de uma nova gestão da reitoria, uma gestão mais aberta aos direitos humanos, houve um avanço muito significativo tanto na implementação das cotas quanto na criação de programas de Ações afirmativas. Eu tive o prazer de participar, por exemplo, da criação da pró-reitoria de assuntos estudantis. Que pela primeira vez criou uma diretoria de Ação afirmativa e a partir daí fizemos aprovação das cotas na pós-graduação. Um modelo de aprimoramento das cotas docentes, a criação de editais de fomento a eventos de Ação afirmativa dos estudantes, né?

ROSANA - Nossa, ouvindo esses relatos a gente resgata o longo caminho que trilhamos.// Como a gente comentou, em todas as regiões, colhemos depoimentos que comprovam que não foi fácil transformar a política de cotas em realidade no ambiente universitário.

SONORA : PROF. LÚCIA ISABEL, UFPA - [Lúcia Izabel, UFPA.m4a](#)

4'48" A gente viveu aqui manifestações de estudantes de escolas privadas no prédio da reitoria, que chegaram a tentaram ocupar a reitoria, fazer pressão dentro da reitoria pela não aprovação. E uma publicação de artigos em jornais

da grande mídia. E um especial que chamou atenção que foi publicado pelo próprio sindicato de docentes da Universidade Federal do Pará, que publicou um artigo que é intitulado cotas insensatas(+) se colocando, se contrapondo com uma série de argumentos, de forma bem, bem pesada e contundente. (+) Principalmente no sentido de que as cotas pretendiam rebaixar a exigência de ingresso, confiscar vagas, ocupar vagas de bons estudantes, né? Teve apelo a de que não se estava pensando nos altos custos de cursinhos universitários que investiam para que os estudantes se preparassem bem para ficar na universidade. Isso tudo foi usado como argumento.

ALESSANDRA - Quem traz esse relato da região Norte é a Professora Lúcia Isabel da Conceição, da Universidade Federal de Belém do Pará.// Bem, no que diz respeito aos interesses dos cursinhos privados, melhor nem comentar, não é?// O que esse argumento traz é a defesa da manutenção do privilégio das elites.// A população de baixa renda não tem acesso a essa formação caríssima.// Como alternativa existem os pré-vestibulares populares, por sinal iniciativas muito importantes, que abriram muitas portas.// Como contei no primeiro episódio, tenho orgulho de ser cria do Pré-Vestibular para Negros e Carentes de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.// Mas acho que esse tipo de postura de defesa dos privilégios tem como pano de fundo a ideia de que quem é pobre não precisa acessar a universidade.

ROSANA - Alessandra, isso me lembra um depoimento bacana do rapper MVBill. // Quando participava do programa Altas Horas, na TV Globo, ainda em 2009, ele respondeu de forma precisa a uma pessoa da plateia que disse ser contra a lei de cotas.

(Sobe Som música MVBill)

<https://www.youtube.com/watch?v=YNdNJRb1Dt4>

SOBE SOM MV BILL - 7'11" Eu acho que a universidade traz o conhecimento e tirar a universidade dessas pessoas é empurrar elas diretamente para a marginalidade, para viver na submissão do trabalho braçal. A juventude quer aparecer e eu acho que as cotas nesse momento ela acaba sendo uma coisa genial porque vai descentralizar o conhecimento, que acaba fazendo uma modificação muito importante na vida dos jovens de favela e tem que continuar investindo numa coisa que eu venho batendo já há muito tempo que é a educação de qualidade para todos.

ROSANA - Direto ao ponto, não é?

ALESSANDRA - Perfeito!

((SOBE SOM Música MV Bill))

ROSANA - Bem, antes de seguir, queria retomar um ponto da fala da Prof. Lúcia Isabel sobre os ataques sofridos.// Como o tempo e a nossa pesquisa e outros levantamentos mostraram, não se sustenta a argumentação de que as cotas rebaixaram o nível da universidade.// O último censo da educação superior comprovou isso:

(leitura de notícia: O Globo
<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/10/03/cotistas-tem-desempenho-melhor-do-que-nao-cotistas-em-universidades-aponta-censo.ghtml>)

Locução - Jornal O Globo - Em 2023, os estudantes que ingressaram por meio de cotas em universidades e instituições federais tiveram um desempenho melhor que os não cotistas, apontou o Censo da Educação Superior divulgado nesta quinta-feira. Segundo os dados, no último ano, 51% dos alunos cotistas concluíram o curso, enquanto a conclusão entre não cotistas foi de 41%.

ALESSANDRA - A nossa pesquisa, como a gente falou no início do nosso encontro, também trabalhou com dados do Censo da Educação Superior.// E um resultado importante foi observar que, apesar de algumas universidades já terem implementado iniciativas de ações afirmativas, foi a Lei de Cotas que alterou de fato o perfil dos estudantes universitários.

SONORA: PROFª GABRIELA HONORATO - [SONORA: PROFª GABRIELA HONORATO.mp3](#)

38'04" Todas essas essas políticas de ação afirmativa adotadas pelas instituições federais antes de 2012, todas elas eram políticas com critério social e não racial, né? Então, eram critérios que diziam respeito, por exemplo, a reserva de vagas para alunos de escolas públicas de uma forma geral, né? Ou alunos de baixa renda. Não existia política, uma políticas institucionais que fossem dirigidas, direcionadas à população preta e parda e indígena, né? Então, a aprovação da lei, ela universalizou uma política para todo o sistema federal, né? (+) Então passou a contemplar estudantes egressos, né, do ensino médio, de escolas públicas. E, dentro desse grupo, vagas reservadas, considerando o critério de renda e o critério também racial, né?

ROSANA - A avaliação que a profª Gabriela Honorato traz é importante.// Na pesquisa, caiu por terra também outro argumento de ataque às cotas, de que bastam cotas sociais para resolver a questão da desigualdade.

SONORA: PROFª GABRIELA HONORATO

00:49:29 Pra gente diminuir as desigualdades raciais no acesso ao ensino superior a gente precisa de uma lei que contemple explicitamente a reserva de vagas por grupos de cor e raça, né? Além disso, esses grupos de cor e raça, eles ficaram mais visíveis no Brasil, em cursos de maior seletividade no

período pós lei de cotas do que antes das cotas. O que isso significa, né? O que são os cursos de maior seletividade? São os cursos onde há a maior dificuldade de ser aprovado, de conseguir uma vaga em função da demanda, do número de candidatos por número de vagas existentes, né? Então, no Brasil existem cursos que são historicamente mais seletivos, como curso de medicina, cursos de engenharia, né? Odontologia. São cursos de muita seletividade. E a gente observou também que os os pretos pardos ficaram mais visíveis. Aumentaram a sua participação também nesses cursos de maior seletividade, né?

DEPOIMENTO LUCAS BENÍCIO

<https://www.youtube.com/watch?v=2OnfRCIWxnM>

00:00:04 Meu nome é Lucas Benício. Eu sou aluno da medicina do sétimo período, eu sou aluno cotista. Eu faço parte da cota um, que abrange alunos de escola pública, renda e cor. Então, através disso eu consegui ser aprovado no curso de medicina. Eu não acreditava que eu ia conseguir passar logo aqui na medicina na UFMG. Então eu tive que contar com o apoio de muitas pessoas. (+) Meu pai é pedreiro, né? Minha dona de casa. Eles me ajudaram muito e sempre me ajudam quando é possível e é com felicidade que eu vejo que isso está acontecendo. A universidade é pública, a gente espera que as várias frações que compõem a sociedade ocupem esse espaço. Então, né, nada mais do que questão de direito ver a população negra e a população que é beneficiada pelas cotas participar desse espaço que é público.

ALESSANDRA: Esse depoimento do Lucas foi dado a TV UFMG.// E ele revela também outra consequência desse aumento da população negra e pobre nas universidades: a consciência de que esse é um direito.// Bacana demais.

ROSANA: Muito, Alessandra.// E os cotistas também transformam a universidade.

SONORA : PROF. LÚCIA ISABEL, UFPA - [Lúcia Izabel, UFPA.m4a](#)

23'47" A simples presença desses públicos novos já é política. Porque eles não entram sozinhos. Eles entram também com as suas demandas, com as suas, com as suas pressões que fazem, que movimentam a universidade, a se mexer, a se reconstruir. A UFPA tem coletivos importantíssimos que tem feito isso então, associação de estudantes quilombolas, associação de estudantes indígenas, associação de estudantes estrangeiros, associação de estudantes de travestis e transgênero. Então, esse público tem se mostrado imprescindível no enfrentamento ao racismo e nas violências dentro da instituição. Eles denunciam, eles pressionam, eles acolhem os pares. Eles promovem a informação e empoderamento.

ROSANA: Essa é novamente a professora Lúcia Isabel, da Federal do Pará.// Ela conta que esses coletivos também atuam no aprimoramento das políticas afirmativas e na disputa na sociedade.

24'37" Eles controlam a ocupação das vagas e denunciam fraudes. Então, é fundamental que eles estejam fortalecidos, ampliados e que essa relação, essa interlocução, seja ampliada. Então, eles têm contribuído para aperfeiçoar e para dar rumos novos para as políticas de ações afirmativas. E porque também são atores estratégicos na defesa, no aperfeiçoamento dessas políticas, tanto dentro da universidade quanto para fora, quanto na sociedade. Porque a gente sabe que ainda temos resistências, ainda enfrentamos resistências também fora da universidade. As políticas de ações afirmativas ainda estão em disputas, ainda é, sofrem ataques e a gente precisa então fortalecer isso. Então são aliados grandes nesse processo.

ALESSANDRA: Esse relato da professora Lúcia me remeteu a Paulo Freire.// Na Pedagogia do Oprimido, o nosso patrono da educação afirma que os homens e mulheres se educam entre si.// Estamos vivendo um processo constante de educação para a diversidade que é atravessada pelas políticas implementadas.// Se por um lado, atualmente há muito retrocesso e conservadorismo, há também avanços históricos.// E esse é um deles.

ROSANA: Falando em avanços, entre as universidades que participaram da pesquisa, temos uma com uma história especial.// A Federal do Recôncavo Baiano, UFRB, é uma universidade de nova geração.// Foi fundada em 2006 e lá a discussão sobre cotas raciais teve um outro rumo.

SONORA PROF^a. DYANE BRITO - [áudio 4.m4a](#)

ÁUDIO 4 00:00:00 A gente não poderia dizer que houve uma luta por implantação de cotas raciais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na UFRB, porque ela já nasce, ela já é implantada com cotas raciais para o acesso à graduação. E isso é muito interessante, porque a universidade, ela foi sendo ocupada é por pessoas, por jovens do Recôncavo da Bahia, negros e negras. Então, a primeira leva de estudantes da universidade era majoritariamente daquelas áreas do Recôncavo e, sobretudo, das comunidades rurais e comunidades negras rurais. É nos primeiros anos da universidade, quando você perguntava na sala de aula, quem é que é o primeiro da família que ingressou no ensino superior? Eram muitas mãos levantadas.

ALESSANDRA: Essa é a professora Dyane Brito, da UFRB, que coordenou a pesquisa dos 10 anos de cotas na Universidade em que a presença negra é maioria.

SOBE SOM REPORTAGEM - UFRB BAHIA MEIO DIA - [UFRB Primeira turma de médicos formados por negros.mp4](#)

Pedro tem 20 anos e veio de um Quilombo na zona rural de Salgueiro, em Pernambuco, para estudar medicina em Santo Antônio de Jesus, na Bahia. É negro e tem orgulho dessa Conquista.(+) Eu me lembro de ter ligado para minha mãe ter dito, a senhora está doente, ela ter dito, como assim? Eu disse, está precisando de uma consulta? Ela disse não, mas porque eu disse, porque a senhora vai ter um médico na família? Eu me lembro que ela começou a chorar, começar a gritar, (+ perto de 1:20) para mim isso é uma Vitória, né? Pra mim, pra minha, pra minha família e pra população negra, porque eu estou ocupando um lugar de privilégio e eu estou representando eles aqui. Quando eu cheguei foi extremamente gratificante. (+) 00:01:44 Esses estudantes cursam medicina na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a mais negra do Brasil. Aqui, 83,4% dos alunos são autodeclarados negros.

ROSANA: A pesquisa foi importante também para revelar essa diversidade das realidades regionais.// Apontou os avanços, mas também o que temos de entraves para enfrentar depois de tantos anos da Lei de Cotas.// Os achados da pesquisa sempre nos animaram a seguir. // São aqueles momentos que fazem o trabalho valer a pena.

SONORA: PROF^a GABRIELA HONORATO - [SONORA: PROF^a GABRIELA HONORATO.mp3](#)

01:01:27 Quando a gente apresenta os dados assim, já prontos, sistematizados, arrumados numa planilha ou num gráfico, parece que é muito simples fazer a coleta desses dados, a sistematização e análise. E não é nada simples, né? É algo bastante trabalhoso, até porque a gente não tava trabalhando com um ano apenas, né? (+) Mas a gente tava trabalhando com uma série histórica, sempre tentando pegar um pouquinho, um momento ali, um pouquinho anterior a lei de cotas, até os dados mais recentes que nós que nós tínhamos. (+) E aí quando a gente já começa a produzir resultados importantes, a gente comemora, né? Ali no grupo de pesquisa: olha só, né, um mostra pro outro e a gente tava sempre muito ansioso, querendo chegar a resultados. E aí a gente começa a enviar ali um pro outro, olha só, “olha, olha esse gráfico, olha esse dado, olha esse resultado, né?”

ROSANA: E o sexto caso que analisamos no projeto é da própria UFRJ// A UFRJ resistiu internamente à adoção de ações afirmativas para grupos subrepresentados historicamente.// Iniciou a reserva de vagas para ingresso na graduação em 2011, apenas levando em conta critérios de renda e escola pública.// E a partir de 2013 adotou também o critério étnico racial, cumprindo na íntegra as normas estabelecidas pela Lei de Cotas.// A pesquisa aponta para a ampliação da presença de estudantes de menor renda, pretos e pobres

nos cursos de elite da UFRJ.// A maior ampliação deu-se principalmente quando combinados os critérios de frequência à escola pública e raça.

ALESSANDRA: E todos esses resultados, como ela diz já arrumadinhos e de fácil entendimento, estão no livro “10 Anos da Lei de Cotas. Conquistas e perspectivas” organizado pelas professoras Rosana Heringer e Denise Carreira e fruto da parceria do Lepes com a Ação Educativa.//

ROSANA: E a publicação está disponível agora no nosso site, que acaba de ser lançado.// Nele estão os materiais produzidos pelo Laboratório, seus pesquisadores e pesquisadoras.// Teses, dissertações, livros, artigos, vídeos... tá tudo lá!// Confesso que estou bem feliz de ver a história do Lepes e de parte das pesquisas sobre ensino superior organizadas e disponíveis.// Então, fica o convite para você acessar o link que está na descrição desse episódio.

ALESSANDRA: Tá muito bacana mesmo!// E ter as informações sistematizadas e disponíveis é fundamental para que a pesquisa e as políticas avancem.// A gente sabe o quanto é difícil, então, temos mesmo que comemorar!// Rosana, pra fechar esse nosso encontro vamos recuperar a fala de alguém que foi importante nesse processo e que nos deixou em 2024.//

ROSANA: Isso, Alessandra.// A pesquisa não teria dado os frutos que deu se não fosse pelo esforço e engajamento de muita gente.// Assim como as cotas não teriam sido implantadas.// Nesses três episódios da série, estamos buscando ouvir o maior número possível de depoimentos, ainda que o tempo nos limite.// Mas queremos encerrar aqui com as palavras do Professor Paulo Vinícius Batista da Silva, um dos criadores do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná, o NEAB.//Ele fez parte da nossa equipe de pesquisa e faleceu no ano passado.//

[Pela Porta da Frente: O Processo de Aprovação das Políticas Afirmativas na UFPR | AUDIODESCRIÇÃO](#)

1’05”25” PAULO VINÍCIUS - “As cotas na graduação são um ponto de partida. E eu já usei uma metáfora uma vez que é a seguinte: a gente tá com o pé na porta, segurando e forçando pra mais gente entrar. Sem ações afirmativas na pós-graduação, sem ações afirmativas que funcionem na docência, a gente não tá num caminho de igualdade racial”.

ALESSANDRA: Seguimos para além do ponto de partida, como apontava o professor Paulo Vinícius.// No próximo episódio, esse olhar para o futuro estará presente.//

ROSANA: A gente espera que você tenha aproveitado nossa conversa.// Esse podcast é inspirado no que caminhamos até aqui e no que ainda está por construir.// Quanto mais gente ouvir, comentar e opinar, mais vivo ele se torna.// Nossa sugestão é levar também esse debate pra sala de aula.// Seguimos

construindo os “Caminhos Afirmativos”.// Então, eu, Rosana Heringer, e minha companheira na narração deste podcast, Alessandra Pio, esperamos você aqui no terceiro e último episódio da série.

ALESSANDRA: Até lá!

VINHETA FINAL

“CAMINHOS AFIRMATIVOS. UM PODCAST DO LEPES: Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior da Faculdade de Educação da UFRJ. Produção: CRIAR Brasil. Parceria: Ação Educativa. Apoio Open Society Foundations